

NASCER DE NOVO É PRECISO **A trajetória espiritual de Nicodemos**

Celso Loraschi

“É através das dissidências que a História acerta seus passos. Há um momento em que as possibilidades de uma proposta – religiosa ou política – parecem esgotar-se sob o peso dos anos, da rigidez dos seus princípios, da inflexibilidade de sua disciplina, da intransigência dos seus dogmas, da prepotência de seus líderes. Como a fonte seca à beira da estrada, incapaz de saciar a sede dos peregrinos que atraiu, a proposta vê-se rejeitada por seus discípulos dispostos a caminhar sem a tutela que lhes atrasa o passo. Foi o que ocorreu na Palestina do século I...”¹

Introdução

Na América Central há uma linda ave, de plumagens coloridas, de longa cauda, chamada de quetzal. As antigas civilizações americanas a consideravam sagrada. Foi adotada pela Guatemala como símbolo de liberdade. De fato, quetzal não suporta aprisionamento. Morre quando privada da liberdade.

Quetzal retrata uma das dimensões essenciais do ser humano que é a liberdade. Sem ela não há vida no sentido pleno da palavra. A liberdade

“é o núcleo mais íntimo da pessoa que constitui o peculiar e característico de cada um... É a capacidade misteriosa que habilita o ser humano a tomar decisões nas encruzilhadas que a vida constantemente lhe apresenta, de modo que não tenha sua existência decidida pelo exterior ou pelo instintivo, mas sim por uma decisão responsável de sua própria consciência, como sujeito”².

A mensagem de Jesus constitui-se em proposta de liberdade. Foi o que testemunhou Paulo através de sua vida e de suas cartas, escritas antes mesmo dos Evangelhos: “Foi para a liberdade que Cristo nos libertou. Permanecei firmes, portanto, e não vos deixeis prender de novo ao jugo de escravidão” (Gl 5,1). Jesus liga a liberdade à verdade (Jo 8,32). O ser humano livre é o que conhece a verdade e por ela orienta sua vida. Não se trata, porém, de seguir uma verdade dogmatizada a partir da ótica de uma determinada pessoa, grupo ou instituição. Se assim fosse, Nicodemos não sentiria a necessidade de procurar a Jesus. Dialoguemos a partir do texto de João 3,1-21.

1. BETTO, Frei. *Batismo de Sangue: os dominicanos e a morte de Carlos Marighella*, 2. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982, p. 28-29.

2. IDÍGORAS, J.L. *Vocabulário Teológico para a América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1983, verbete: liberdade.

Nicodemos

Jesus, após realizar o sinal de transformação da água em vinho, nas Bodas de Caná (Jo 2,1-12), dirige-se a Jerusalém. É tempo de celebração da Páscoa. Ao entrar no Templo toma a atitude profética de denúncia e de purificação daquele lugar, pois o transformaram em “casa de comércio”. O modo de ser e de agir de Jesus incomoda as lideranças judaicas. Um destes “homens notáveis” chama-se Nicodemos.

Esta personagem, apresentada somente no Evangelho de João, é do partido dos fariseus e, conforme se deduz da passagem de João 7,50, é membro do Sinédrio. Como “chefe” ou “notável” pertence à elite judaica, a qual enfatiza radicalmente a necessidade da observância da Lei. Acredita que, pelo cumprimento dos preceitos judaicos, apressa-se a vinda do Messias e o conseqüente reinado de Deus.

O Sinédrio, do qual Nicodemos faz parte, é a estância governamental mais exaltada entre os judeus, com a função de julgar tanto as questões religiosas como as civis. Seus membros fazem questão de apresentar-se publicamente como muito religiosos. Exercem forte influência sobre o povo e buscam mantê-lo atrelado à sua ideologia. O grupo da elite político-religiosa do judaísmo, no Evangelho de João, é denominado simplesmente de “judeus”.

Nicodemos, portanto, é cumpridor da Lei. Fica sabendo da reputação de Jesus. Ouve falar dos seus ensinamentos, dos sinais que ele realiza no meio do povo. Acompanha o desdobramento daquela atitude de Jesus dentro do Templo. Convence-se de que está diante de um crítico perspicaz das instituições e das autoridades religiosas de Jerusalém. Isto o perturba sobremaneira, pois não pode deixar de admitir que Jesus possui uma autoridade diferente da exercida pelos rabinos oficiais. Uma ansiedade característica de quem se sente atingido invade o seu ser. Além disso, ele deve conhecer e concordar com “um certo comentário judaico acerca da passagem de Dt 18,19, que prescreve: ‘Se um profeta começa a profetizar (isto é, que ainda não recebera credenciais das escolas judaicas) dá um sinal e um milagre, deve ser ouvido; de outro modo, que não se lhe dê ouvidos’”³.

Tudo isto contribui para que Nicodemos decida ir ao encontro de Jesus. O contato pessoal o fará ter uma opinião própria a respeito daquele pregador e taumaturgo. Quem sabe, assim, poderá cumprir o dever de salvar a imagem pública da hierarquia religiosa. Poderá argumentar com base na Lei que ele conhece muito bem.

Para encontrar-se com Jesus toma os cuidados necessários para não ser visto pelos seus pares. A noite proporciona o momento adequado. Em João, as “trevas” possuem um significado especial. Elas se opõem à luz, à vida, à verdade. “Identifica-se com a ‘mentira’ (8,44), a ideologia proposta pelo círculo de poder e que nasce da ambição de riqueza e do afã de glória humana. As trevas produzem no ser humano a cegueira

3. CHAMPLIN, Russel N., citando Strack e Billermeck. In: *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*, vol. II, 4ª impressão, São Paulo: MILENIUM, Distribuidora Cultural Ltda. 1983, introdução ao comentário de Jo 3.

(ocultamento do desígnio de Deus), impedindo-lhe de realizar-se”⁴. A luz é Jesus (8,12) que brilha nas trevas (1,5).

Nicodemos, sem o saber, vai ao encontro da Luz. Inicia a conversa, reconhecendo em Jesus a autoridade de mestre, vindo de Deus. O verbo na 1ª pessoa do plural, “sabemos”, anuncia que Nicodemos é figura representativa (3,2). A mensagem que decorre desta narrativa, portanto, é dirigida ao grupo dos defensores da Lei. Por isso, Jesus vai dirigir-se a Nicodemos pelo pronome “vós”.

A novidade inaugurada por Jesus

Os mestres dos judeus pregam e esperam a vinda do Messias que, zeloso da Lei, instauraria o reinado de Deus. Nicodemos (os mestres da Lei) reconhece nos sinais de Jesus a sua procedência divina, porém não fecha com as suas expectativas messiânicas. Não imagina que o caminho do Messias verdadeiro seja o da cruz e da morte.

Como vimos acima, o episódio de Nicodemos é precedido por dois grandes sinais que revelam a substituição das instituições consideradas sagradas pelo judaísmo. No casamento em Caná da Galileia, ao transformar a água em vinho, Jesus aponta para a substituição da antiga *Aliança*, representada pelos potes vazios: uma religião com muitas leis e rituais, simbolizada pela grande quantidade de água para a purificação e com pouca alegria de viver e pelo vinho insuficiente. O vinho da nova Aliança é o da presença do Messias que resgata a alegria das núpcias entre Deus e a Nova humanidade. A seguir, em Jerusalém, Jesus declara a destruição do *Templo*, pois revela ser uma instituição caduca. Será substituído por Ele próprio, ressuscitado. A conversa com Nicodemos trata da substituição de outra instituição sagrada: a *Lei*. É uma proposta difícil de ser assimilada, pois “para os rabinos, a submissão a Deus e a obediência à sua Lei se identificavam com a verdadeira liberdade e com a autêntica filiação, o que explica a sobranceira resposta à oferta de Jesus em Jo 8,32-33. A Jesus que lhes oferece a liberdade eles respondem: Nunca fomos escravos de ninguém”⁵.

Certamente, as comunidades joaninas, pelo final do primeiro século, sofrem forte influência do judaísmo das sinagogas. A validade ou não da Lei como expressão de verdadeira liberdade e, sobretudo, como condição para a salvação deve ter provocado divisões internas. O diálogo com Nicodemos busca dirimir as dúvidas existentes entre os participantes destas comunidades e deixa em aberto o convite para seguir a Jesus como caminho de libertação de todas as instituições legalistas e excludentes.

A Lei também, para os rabinos judeus, constituía-se como *caminho*, pois são “felizes os que andam conforme a Lei do Senhor” (Sl 119,1); como *verdade*, pois os testemunhos de Deus “são verdade suprema” (Sl 119,138); como *vida*, pois quem observa a Lei “acha a vida” (Ne 9,29); como *luz*, pois “o mandamento de Deus é claro, ilumina

4. MATEOS, J. e BARRETO, J. *Vocabulário Teológico do Evangelho de São João*. São Paulo: Paulinas, 1989, verbe: trevas.

5. PEREIRA, Ney Brasil. Só o Cristo – a Verdade – liberta. In: *Encontros Teológicos*, ano 11, n. 2, Florianópolis: ITESC – Instituto Teológico de Santa Catarina, 1996, p. 4.

os olhos” (Sl 19,9)⁶. As comunidades do Discípulo Amado levantam outra proposta em substituição à da Lei. Elas assumem e seguem a Jesus de Nazaré como “o caminho, a verdade e a vida” (14,6) e como “luz do mundo” (9,5).

O diálogo entre o eclesiástico e o profeta

Como que empurrado por uma força invisível, Nicodemos quer conhecer pessoalmente a Jesus. “É estranho, após anos de debates na tribuna do Conselho, encontrar-se curvado e embaraçado na presença de um profeta de Nazaré. Há coisas na vida para as quais você não está preparado, ocasiões quando tudo o que se viveu transforma-se em vozes inúteis”⁷.

O encontro com Jesus, para Nicodemos, não se dá por mera curiosidade. Certamente, sua vida como pessoa notável do Sinédrio não o satisfaz plenamente. Além do mais, as verdades que segue parecem contrapor-se à verdade pregada por Jesus. Também não é de se deixar levar pelas opiniões diversas que seus colegas levantam a respeito daquele itinerante provindo de Nazaré da Galileia. Se assim fosse, não se importaria com Ele e, muito menos, o consideraria um rabino, digno de ser ouvido. Percebe ainda que Jesus não age como um falsário ou um líder carismático dado à violência, como tantos outros. Ao contrário, mesmo ao lançar severas críticas mantém a serenidade e a segurança de quem possui profundas convicções. De onde lhe provém toda a sabedoria? Em que escola rabínica deve ter se formado? Como consegue agir com tamanha liberdade? Nicodemos carrega estas e muitas outras perguntas. Certamente, levado pelo anseio de verdade e de liberdade é que ele vai procurar a Jesus.

Ao acolhê-lo, Jesus lhe apresenta uma nova proposta. Não era, exatamente, o rumo da conversa que Nicodemos esperava. A proposta refere-se ao Reino de Deus. A condição para entrar nele é a de um “novo nascimento”. Condição esta não compreendida de imediato por aquele chefe dos judeus. Ele interpreta a palavra de Jesus ao pé da letra (da mesma forma como interpretavam a lei pela letra que mata e não pelo espírito que dá vida). Não consegue alcançar o seu sentido verdadeiro. “Na sua mentalidade, a pertença ao Reino de Deus era um direito ligado à raça hebraica e à geração carnal”⁸. Para outros grupos, o Reino de Deus viria após a derrocada do imperialismo romano, o que poderia acontecer através de uma revolução política. Jesus se refere ao nascimento no Espírito. Nicodemos manifesta perplexidade: “Como pode um homem nascer, sendo já velho?” Jesus, retomando o pensamento, diz-lhe de forma enfática:

“Em verdade, em verdade te digo:
quem não nascer da água e do Espírito
não pode entrar no Reino de Deus.
O que nasceu da carne é carne,

6. Cf. GASS, Ildo Bohn (org.). *As Comunidades Cristãs a partir da Segunda Geração*. São Leopoldo: Cebi e São Paulo: Paulus, 2005, p. 129.

7. MCBRIDE, Denis. *Impressões sobre Jesus*. Aparecida: Santuário, 1995, p. 154.

8. NICACCI, Alviero e BATTAGLIA, Oscar. *Comentário ao Evangelho de João*. 2. ed., Petrópolis: Vozes, 1985, p. 67.

o que nasceu do Espírito é espírito.
Não te admires de eu te haver dito:
vós deveis nascer de novo.
O vento sopra onde quer
e ouves o seu ruído,
mas não sabes de onde vem
nem para onde vai.
Assim acontece com todo aquele
que nasceu do Espírito” (3,5-8).

É importante deter-nos um pouco mais na análise desta passagem, pois ela fundamenta toda a mensagem que os autores desejam transmitir através da narrativa do encontro de Nicodemos com Jesus. O texto está enquadrado entre duas intervenções de Nicodemos interrogando a Jesus sobre como é possível um novo nascimento. Depois, a palavra ficará com Jesus até o final. Aos redatores parece não interessar as possíveis reações de Nicodemos após o discurso de Jesus. Deixam em aberto, propositalmente, provocando os interlocutores à reflexão e sua consequente tomada de posição.

O Reino de Deus

Diferentemente dos evangelhos sinóticos, que falam inúmeras vezes do “Reino de Deus”, em João esta expressão aparece somente nesta conversa com Nicodemos (2,3.5); em 18,36, por três vezes aparece a palavra “reino” na boca de Jesus, respondendo a Pilatos que pergunta se ele é o rei dos judeus: “Meu reino não é deste mundo...” A ideia monárquica de reino é substituída por um novo conceito somente compreensível por aqueles que se propõem a nascer de novo. Refere-se, antes, à dimensão pessoal: é a pessoa individualmente que, por primeiro, deve acolher o Reino de Deus e orientar-se por Ele. Significa acolher “aquele que vem do alto e está acima de tudo, pois o que é da terra é terrestre e fala como terrestre” (Jo 3,31).

Sendo Nicodemos representante dos religiosos legistas, a proposta de “nascer de novo” aponta para o novo modo de interpretar a Sagrada Escritura, não mais atrelada a um sistema de poder (como o do Templo), baseado na supremacia da raça; aponta para a necessidade de uma nova teologia que leva a acolher o jeito soberano de Deus manifestar-se na história humana. Jesus é o jeito de Deus revelado ao mundo, “mas o mundo não o reconheceu. Veio para o que era seu, e os seus não o receberam” (1,10-11).

“Eis o pecado fundamental: creem que são livres porque são filhos naturais de Abraão... Eles se acham filhos de Deus (8,41) e por isso se enganam, e o seu autoengano impede que descubram a verdade. Não sabem que não estão livres e por isso não respondem ao apelo. Não sabem que a liberdade é vocação. Acham que vem do sangue e da geração biológica. Confundem a liberdade com o orgulho da sua raça e da sua nação, erro que tantos cometeram e ainda cometem”⁹.

9. COMBLIN, José. *Vocação para a Liberdade*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 55.

Nascer de novo

O novo nascimento que Jesus propõe tem sua origem em Deus. Vem do Espírito Santo, cujos dons são simbolizados, do ponto de vista judaico, pela água. Nicodemos conhece muito bem os rituais de purificação, através da água, próprios do judaísmo, como expressa, por exemplo, a passagem de Ezequiel: “Aspergirei água sobre vós e ficareis puros; sim, purificar-vos-ei de todas as vossas imundícies e de todos os vossos ídolos imundos. Dar-vos-ei coração novo, porei no vosso íntimo espírito novo, tirarei do vosso peito o coração de pedra e vos darei coração de carne” (Ez 36,25-26). A expressão “nascer da água” também reporta a João Batista que batizava com água para preparar, através do arrependimento, a vinda daquele que batizaria no Espírito Santo (cf. Jo 1,19-34).

Para as comunidades joaninas “nascer da água” pode referir-se ao batismo através do qual a pessoa passava a fazer parte da comunidade cristã. Porém, o batismo da água ainda não produz o novo nascimento.

“Argumentar que o batismo salva é equivalente a argumentar que a circuncisão salvava. No entanto, Paulo negou enfaticamente que a circuncisão física salvasse, conforme lemos em Rm 2,28-29. A circuncisão autêntica é no *íntimo*, e não é um sinal externo. A verdadeira realidade espiritual é a circuncisão do coração, a transformação interna; o ato externo e físico não passa de um símbolo. Assim também se dá *com o batismo*”¹⁰.

Para entrar no Reino de Deus, portanto, é necessário “nascer do Espírito”. O batismo de João não trouxe a salvação. Ele preparou as consciências para a vinda do Salvador: “Aquele que me enviou para batizar com água disse-me: ‘Aquele sobre quem vires o Espírito descer e permanecer é o que batiza com o Espírito Santo’” (Jo 1,33). Conclui-se, então, que o novo nascimento se dá pela aceitação e seguimento de Jesus Cristo. De fato, outras comunidades cristãs primitivas ratificam o que João reflete na conversa de Jesus com Nicodemos: “Quando a bondade e o amor de Deus, nosso Salvador, se manifestaram, ele nos salvou, não por causa dos atos justos que houvéssemos praticado, mas porque, por sua misericórdia, fomos lavados pelo poder regenerador e renovador do Espírito Santo” (Tt 3,4-5).

Neste mesmo sentido, Paulo escreve: “Rompestes com Cristo, vós que buscais a justiça na Lei; caístes fora da graça. Nós, com efeito, aguardamos, no Espírito, a esperança da justiça que vem da fé..., agindo pela caridade” (Gl 5,4-6). E acrescenta em outro momento: “Não sabeis que fomos batizados em Cristo Jesus, é na sua morte que fomos batizados? Portanto, pelo batismo nós fomos sepultados com Ele na morte para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos vida nova” (Rm 6,3-4).

10. CHAMPLIN, Russel N. Op. cit., comentando Jo 3,3-5.

Estaria Nicodemos entendendo o sentido do “nascimento do Espírito” que Jesus lhe propõe? Ney Brasil Pereira, ao escrever sobre o batismo da “água e do espírito”, responde a esta pergunta:

“Provavelmente sim, sendo ele um ‘mestre em Israel’, habituado à leitura dos Profetas, p. ex. Is 32,15 e Jl 2,28-29, que descrevem os últimos dias como marcados pela irrupção do Espírito. Há também um texto de um apócrifo do século II aC (Jub 1,23-25): ‘Criarei neles um espírito santo e os justificarei. Serei o seu Pai e eles serão meus filhos’. Um texto de Qumran, contemporâneo a Nicodemos e a João, exprime-se de maneira semelhante: ‘Ele vai purificá-los de todas as suas más ações por meio de um espírito santo; como águas purificadoras Ele vai aspergir sobre eles o Espírito da Verdade’ (1QS 4,19-21)”¹¹.

O que Nicodemos, até este momento, não consegue compreender é que o “novo nascimento” que provém da “água e do Espírito” é dado “do alto”, isto é, do próprio Jesus, o Filho de Deus que se encarnou na história humana, é rejeitado e será suspenso numa cruz: “... é necessário que seja levantado o “Filho do Homem” a fim de que todo aquele que crer tenha nele vida eterna” (Jo 3,14-15)¹².

O processo do novo nascimento

Procuremos entrar na alma de Nicodemos. Ele se mostra uma pessoa corajosa, apesar dos cuidados que tomou para encontrar-se com Jesus. Agora, não poderia mais fazer de conta que não fora provocado profundamente por aquela conversa. Tem de admitir o estado de escuridão em que se encontra e, por isso mesmo, é tomado por um profundo desejo de encontrar a luz. Tem de admitir que está preso nas malhas do sistema do Templo e, qual quetzal aprisionada, precisa libertar-se para não morrer no sufoco do legalismo excludente. Percebe que o fato de pertencer à linhagem de Abraão não traz nenhuma garantia. Sente que deve abrir-se à novidade trazida pelo Nazareno: a luz e a liberdade lhes são oferecidas gratuitamente. Inicia-se o discipulado de Nicodemos. O processo de mudança já está em andamento em seu ser.

De fato, pelo que se depreende das outras duas passagens em que ele é citado, Nicodemos deve ter aderido a Jesus. Como muitos judeus cristãos, ele enfrenta dificuldades e conflitos: em nível pessoal precisa vencer as seguranças que, até agora, davam sentido à sua vida; em nível social precisa superar o medo de ser abandonado por amigos e até perseguido. O processo de superação se evidencia no momento em que vai contrapor-se aos seus próprios colegas que têm a intenção de condenar Jesus: “Acaso nossa Lei condena alguém sem primeiro ouvi-lo e saber o que fez”? (Jo 7,51). A Lei, neste momento, é evocada por Nicodemos para defender a vida de um inocente. O ângulo de interpretação não é o mesmo dos demais juristas do Templo.

11. PEREIRA, Ney Brasil. Batismo: nascer da água e do Espírito. In: *Encontros Teológicos*, ano 12, n. 1, 1997, p. 29-36.

12. Cf. Idem, *ibidem*, p. 31.

Um novo espírito sopra no coração de Nicodemos. Sua mente, pouco a pouco, vai saindo da confusão em que Jesus o metera, para uma compreensão sempre mais lúcida do novo projeto de vida. Como o cego de Jericó, pouco a pouco vai deixando a capa que o protege e segue a Jesus no caminho (cf. Mc 10,46-52). Não é por acaso que ele vai acompanhá-lo em sua via-sacra. Tentou, mas não conseguiu defendê-lo da condenação. Somente tem a certeza que os motivos pelos quais Jesus foi acusado não justificam a sua morte. Sente-se incapaz, não sabe o que fazer, mas irresistivelmente segue-o até a cruz (Jo 19,38-42). Aquele que lhe indicou um novo caminho de liberdade agora agoniza.

Nicodemos, porém, não está só. Sente-se apoiado por José de Arimateia, também membro do Sinédrio e testemunha da morte de Jesus. Ambos estão aos pés da cruz daquele que fora oficialmente condenado, sofrendo o risco de serem vistos e julgados pelos demais membros do tribunal religioso. Afinal, estão seguindo um amaldiçoado de Deus, conforme está na Lei: “Aquele que for morto e suspenso num madeiro é um maldito de Deus” (Dt 21,22-23).

Nicodemos e José de Arimateia, porém, demonstram sua capacidade de superação do legalismo e de adesão ao novo espírito. Enquanto José retira o corpo da cruz, Nicodemos providencia o perfume para embalsamá-lo. Como judeus piedosos, envolvem o corpo de Jesus com linho e os aromas sepultando-o num jardim próximo, certamente no túmulo oferecido por José de Arimateia, conforme atesta o Evangelho de Mateus (27,59). O medo dos demais judeus não conseguiu impedir o gesto de amor e de reverência naquele momento extremo. O caminho da liberdade interior está conquistado.

“Tudo foi realizado por dois homens que agiram naturalmente com cautela, e até com timidez. O que há de mais encorajador nas Escrituras não são as admiráveis promessas de Cristo a pessoas ordinárias, e, sim, as provas que elas nos dão, vez após vez, de que essas promessas realmente funcionam e se verificam em homens e mulheres frágeis e hesitantes como nós mesmos. Não é questão muito importante, segundo declarou o cardeal Newman, o obedecermos o Mestre em noventa e nove por cento dos casos, quando fazê-lo é fácil. O teste real reside no centésimo caso, onde a obediência é difícil”¹³.

Aos pés da cruz de Jesus, Nicodemos contempla, em total silêncio, Aquele condenado e suspenso no madeiro, transpassado por uma lança de cujo coração sai “sangue e água” (19,35). Chegou a hora do “mestre em Israel” compreender e acolher o “novo nascimento” que lhe é dado “do alto”, assim como Jesus lhe havia anunciado: “Pois Deus não enviou o Filho ao mundo para julgar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele” (Jo 3,17). Também a Nicodemos pode-se atribuir o que João escreveu a respeito do discípulo amado: “Aquele que viu dá testemunho e seu testemunho é verdadeiro...” (19,35). Enfim, ele se deixa invadir pela luz da Verdade que liberta. Pa-

13. CHAMPLIN, Russel N. Op. cit., comentando Jo 19,39-40.

radoxalmente, a luz da Verdade brilha num crucificado, ou dizendo de forma mais correta: a Luz e a Verdade são o próprio Jesus crucificado.

Nicodemos e José de Arimateia pertencem ao número dos líderes que acreditaram em Jesus e buscaram segui-lo, mas “por causa dos fariseus, não o confessavam, para não serem expulsos da sinagoga” (Jo 12,42). Constata-se que o seguimento de Jesus se dá também por pessoas oficialmente constituídas de autoridade, quando deixam de “amar mais a glória dos homens do que a de Deus” (12,43). Isto retrata um traço importante do rosto das comunidades joaninas.

Nicodemos, nós e o Espírito

Podemos entender a postura de Nicodemos e sua dificuldade de entrar na dinâmica do Espírito. Ele acreditava que a instituição religiosa a que pertencia era de origem divina e, portanto, lhe dava a segurança da salvação. Considerava-se um dos responsáveis pela manutenção da sua doutrina e da suprema verdade, sem se dar conta que isso feria o princípio da Aliança de amor oferecida por Deus a todos os povos. “No entanto, a igreja cristã de hoje em dia ainda tem em seu meio elementos fortemente representativos dessa posição institucional”¹⁴. Pregam e agem como se a pertença a determinada denominação religiosa garantisse a posse da verdade salvadora.

O modo como Jesus inquirir a Nicodemos nos leva, no mínimo, a desconfiar de nossas posturas reveladoras de superioridade perante outras expressões religiosas e teológicas. Jesus não está pedindo a um gentio que nasça de novo, mas a um “eclesiástico”, pertencente à estância de poder. Para Nicodemos seria perfeitamente compreensível que os gentios devessem “nascer de novo” que, para ele, significaria tornarem-se prosélitos do judaísmo. Inclusive, entre os judeus havia um provérbio, expresso num dos seus targuns: “Quem se torna prosélito, é como uma criança recém-nascida”¹⁵. Consistiria, então, em aderir à instituição religiosa judaica, com suas leis e ritos. Adam Clark esclarece:

“Os judeus tinham certas noções gerais acerca do novo nascimento; mas, tal como acontece entre muitos cristãos, eles colocam os atos de proselitismo, batismo, etc., no lugar do Espírito Santo e de sua influência. Reconheciam que um ser humano precisa nascer de novo; porém, pensavam que o novo nascimento consistisse em profissão, confissão e lavagens externas”¹⁶.

Neste ponto, vem-nos à mente um dos muitos episódios que refletem o conflito entre a instituição e o Espírito. Tomemos, como exemplo, a carta que Ivone Gebara escreveu em 30 de maio de 1995¹⁷. Destaquemos algumas frases que, salvaguardando o

14. Idem, comentando Jo 3,3-5.

15. Targuns Bab. Yebamot, fol. 22:1.48; 2.62.1 e 97.2 citado por CHAMPLIN, Russel N. Op. cit., comentando Jo 3,3-5.

16. CHAMPLIN, Russel N. Op. cit., comentando Jo 3,3-5.

17. Esta carta de Ivone Gebara, na época, foi amplamente divulgada.

contexto, parecem iluminar ainda melhor, o que as comunidades do Discípulo Amado enfrentaram.

Ivone compara-se a uma “abelha atrevida” que não se conforma com o “sabor do mel habitual, adora frequentar os jardins proibidos, conversar com as borboletas e outros bichinhos conhecedores de flores extraordinárias. Adora ouvir sons diferentes e sentir novos odores”. Isso, porém, contradiz a ordem que deve reinar na colmeia. “Os zangões, aqueles que têm a atribuição de proteger a autenticidade da produção do mel, estão cada vez mais descontentes”. Sentem-se na obrigação de corrigir a opção daquela abelha atrevida e, por isso, “deliberaram paternalmente que ela deveria aprender de novo a retirar o mel das flores e conhecer de forma sistemática quais são as flores adequadas para a produção do mel. Para isso, tinha que ir para o ‘velho mundo’, lugar máximo da sabedoria dos zangões.”

José Comblin expressa com lapidar clareza:

“Uma Igreja que não é capaz de instalar a liberdade nas suas estruturas não poderá anunciar o verdadeiro evangelho. Poderá manipular o sentimento religioso, recorrer às emoções religiosas, mas tudo isso é precário e desvia os responsáveis pela evangelização do seu verdadeiro objetivo”¹⁸.

Liberdade: dom e compromisso

O novo nascimento é dom de Deus. A totalidade de sua compreensão escapa à lógica humana. É uma realidade que extrapola as formulações das teologias oficiais. Isto, porém, não nos impede de viver segundo o Espírito. Pelo contrário, torna-se desafio a ser abraçado constantemente. Podemos, sem dúvida, nos aproximar, pouco a pouco, da proposta de Jesus, fazendo rupturas e opções. Implica em abrir-se à graça de Deus que nos faz entrar na dinâmica de um novo êxodo: da escravidão das obras da Lei (ou da carne) para a liberdade das obras do Espírito. A Nicodemos, Jesus enfatiza: “O que nasceu da carne é carne, o que nasceu do Espírito é espírito... O vento sopra onde quer e ouves o seu ruído, mas não sabes de onde vem nem para onde vai. Assim acontece com todo aquele que nasceu do Espírito” (Jo 3,6.8).

Deus, que ama tanto o mundo a ponto de enviar o seu Filho único para salvá-lo, nos oferece a possibilidade histórica de vivermos, usando a expressão paulina, como “novas criaturas”, participantes da natureza divina. Em Jesus “fostes ensinados a remover o vosso modo de vida anterior – a criatura velha – e revestir-vos da criatura nova, criada segundo Deus, na justiça e santidade da verdade” (Ef 4,22-24).

A liberdade, portanto, é dom do Espírito e se fundamenta em duas dimensões: “liberdade de” e “liberdade para”¹⁹. Portanto,

“não pode ser entendida somente como liberdade *do* pecado, mas também liberdade *para* a realização do Reino de Deus e de sua justiça, até mesmo no plano

18. COMBLIN, José. Op. cit., p. 6.

19. Cf. COMBLIN, José. Paulo e a Mensagem de Liberdade. In: *Estudos Bíblicos*, n. 14, 1987, p. 64-70.

histórico; não só liberdade dos caprichos e das fantasias de cada um, mas também liberdade de uma consciência adulta e capaz de situar-se responsabilmente diante de Deus sem ter que buscar sempre e a cada momento a mediação da autoridade”²⁰.

José Comblin, que tem dedicado grande empenho na defesa e promoção da autêntica liberdade, insiste de que ela se constitui numa vocação e se revela na resposta positiva da pessoa ao amor de Deus, dispondo sua capacidade de amar e ser amada. Ele alerta:

“Às vezes a Igreja pensou, como no tempo da cristandade, que sua tarefa consistia em impedir o pecado. No entanto, querendo impedir o pecado, pode provocar o pecado maior que é a rejeição da mensagem de amor e de perdão de Deus. A liberdade é uma tarefa, uma vocação, a meta do ser humano na sua existência tão breve neste mundo. Veio para conquistar o seu ser verdadeiro. Liberdade não é dada, conquista-se. Ninguém torna o outro livre, mas lhe permite conquistar a sua liberdade”²¹.

A vida nova para a qual todas as mulheres e homens são convidados não se baseia em imposições externas, mas na liberdade do Espírito que sopra como quer. É o Espírito de discernimento e de amor, que derruba todas as barreiras que impeçam um relacionamento fraterno. É o mesmo Espírito de Jesus que, livremente, assumiu a vontade do Pai e veio “para que todos tenham vida e vida em abundância (Jo 10,10). O Espírito Santo é a expressão sublime da sabedoria, da bondade e da criatividade de Deus que age de forma independente e livre, revelando seu plano de amor e salvação na originalidade de cada ser humano, de cada povo e de cada cultura.

Considerações finais

Ao longo deste trabalho citamos alguns textos de Paulo, considerado o teólogo da liberdade cristã. De fato, as comunidades do Discípulo Amado não são voz isolada. São abundantes os testemunhos que poderiam ser evocados para uma compreensão mais profunda do significado do novo nascimento. Respeitando as expressões próprias de cada comunidade, ele se constitui num dos fios condutores da catequese primitiva, com o objetivo de animar os participantes das comunidades cristãs a adotar uma vida nova. O novo nascimento é tão importante que na expressão de Champlin “é encarado como o mais excelso tema do evangelho, e a esperança da humanidade inteira. Todos os demais temas do evangelho dependem deste majestoso ápice de informação espiritual, e são edificados em torno dele”²².

Hoje, no meio dos enormes desafios em que se encontra a humanidade, o novo nascimento constitui-se numa necessidade imprescindível para a salvação comum.

20. CAMPANINI, Giorgio. Liberdade Cristã. In: *Dicionário de Espiritualidade*, 2ª edição, São Paulo: Paulus, 1993, p. 673.

21. COMBLIN, José. *Cristãos rumo ao século XXI: nova caminhada de libertação*. São Paulo: Paulus, 1996, p. 69.

22. CHAMPLIN, Russel N. Op. cit., introdução ao comentário de Jo 3.

Somente com a mente e o coração renovados, libertos da escravidão do poder em sua tríplice expressão – econômica, política e religiosa –, assim como o fez Jesus de Nazaré (cf. Mt 4,1-11), seremos capazes de dar um novo rumo que garanta vida e futuro para os habitantes de todas as nações pelas quais Jesus entregou sua vida (cf. 3,16-17). Mas, para isso, é necessário esvaziar a mente antiga, desarmar as estratégias de defesas corporativas e dispor-se ao diálogo permanente e sincero.

A trajetória espiritual de Nicodemos nos ajuda a entender que o novo nascimento se processa pouco a pouco e nos leva a caminhar com Jesus crucificado e abandonado, isto é, caminhar com as vítimas do poder, compartilhar suas dores, fazer ecoar seus gritos e oferecer-lhes o perfume da solidariedade.

Celso Loraschi
loraschi@itesc.org.br